

O papel dos sujeitos na construção da narrativa literária

Teresa Oliveira

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa

Escola Superior de Educação de Portalegre

Abstract

This paper aims at clarifying the role of subjects in textual construction, from an enunciative point of view (Antoine Culioli's theory). Based on excerpts from three contemporary Portuguese literary novels, it will try, through the identification of linguistic markers of different subjective instances, to understand the relationships between the various subjects that intersect in the texts and clarify the role that the subjects play in the construction of the texts.

Keywords: Subject, Enunciative Operations, Textual Construction, Anaphora.

Palavras-chave: Sujeito, Operações Enunciativas, Construção Textual, Anáfora.

1. Introdução

Este trabalho insere-se num estudo mais amplo sobre os valores associados ao sujeito como coordenada enunciativa e tem como objetivo principal analisar o papel dos sujeitos na construção textual.

Entendo texto, no quadro da teoria das operações predicativas e enunciativas, “como representação de um encadeamento de operações de que a própria sequência textual é o resultado” (Campos, 1998: 18). Os sujeitos são construídos no âmbito desse encadeamento de operações, cujos marcadores são as formas linguísticas.

Para o presente estudo, selecionei excertos de *Memorial do Convento*, de José Saramago, *O Arquipélago da Insónia*, de António Lobo Antunes, e *Plâncton*, de Nuno Júdice. Escolhi estas obras porque nelas os sujeitos assumem particular importância, quer pela forma como são construídos, quer pelas funções que desempenham, sendo a sua

construção indissociável da própria construção do texto. Os excertos em análise estão organizados em torno da (e para a) construção dos sujeitos, tanto ao nível da enunciação como ao nível do enunciado. Pretendo, através da identificação dos marcadores linguísticos das diferentes instâncias subjetivas, compreender as relações existentes entre os diversos sujeitos que se cruzam nos textos e esclarecer o papel que desempenham na construção textual.

Utilizo, como principal conceito teórico, a operação de localização abstrata, que assegura a localização referencial de qualquer termo do enunciado em relação a outro, mais determinado, ou do enunciado em relação ao sistema de coordenadas enunciativas (Situação de Enunciação origem, Sit_0), constituído por duas coordenadas principais: a coordenada subjetiva (S_0) e a coordenada espaço-temporal (T_0). A operação de localização abstrata pode assumir diferentes valores: identificação ($=$), diferenciação (\neq), rutura ou não localização (ω) e um valor compósito, estrela ($*$), “que corresponde a todos ou a alguns dos outros” (Campos, 1998: 19), a saber, “ni identique ni différent, ou identique ou différent (c’est-à-dire: ω ou $=$ ou \neq)” (Culioli, [1980] 1999: 130). O operador de localização abstrata é representado por $\underline{\in}$ e o seu dual por $\underline{\exists}$. Dados dois termos x e y , respetivamente, localizador e localizado, a relação entre eles pode ser lida de duas maneiras: y está localizado em relação a x (notada $y \underline{\in} x$) e x serve de localizador a y ($x \underline{\exists} y$).

O sujeito é construído através de operações enunciativas que o instituem em diferentes níveis: sujeito enunciador e coenunciador, sujeito locutor, sujeito do enunciado, entre outros (cf. Culioli, [1987] 1990: 116; Campos, 1998: 25-33). As várias instâncias subjetivas presentes num enunciado estabelecem relações de localização entre elas, de forma a construírem cadeias de referência que as estabilizam enunciativamente.

A primeira instância subjetiva é o sujeito enunciador origem (S_0): “o sujeito enunciador S_0 , ao instituir-se como tal num tempo T_0 , define uma situação de enunciação $Sit(S_0, T_0)$, e, a partir desta, constrói um sistema referencial que é condição e, simultaneamente, consequência da própria enunciação” (Campos, 1998: 25). O sistema referencial integra ainda os parâmetros S_1 e S_2 , respetivamente, sujeito locutor e sujeito do enunciado. O estatuto de S_1 e a sua relação com S_0 podem ser assim sintetizados:

Metalinguisticamente, é na situação de locução [$Sit(S_1, T_1)$ ou Sit_1] – situação enunciativa construída a partir de, e localizada em relação a, Sit_0 –, que é assumida a ‘validação’ da relação predicativa (...). É S_1 que declara a relação predicativa verdadeira ou não verdadeira em diferentes graus. S_0 é um parâmetro primitivo, o enunciador origem que funda a instância de enunciação; S_1 é um parâmetro construído,

o locutor que é responsável pelo acontecimento linguístico, assumindo-o com determinado valor modal (...).

(Campos, 1998: 26)

O sujeito do enunciado, S_2 , é construído, igualmente, na enunciação. Sendo localizado em relação a S_0 , podem estabelecer-se, entre estes dois parâmetros, relações de localização com diferentes valores, a que correspondem marcadores linguísticos distintos:

Por exemplo, para a categoria gramatical ‘pessoa’: sendo S_2 – sujeito do enunciado – o termo localizado, e S_0 – sujeito enunciador origem – o termo localizador, [o valor do operador metalinguístico de localização] é ($S_2 \subseteq S_0$). O pronome da primeira pessoa gramatical (“*eu*”) marca uma relação de identificação ($S_2 = S_0$); o pronome da segunda pessoa (“*tu*”) marca uma relação de diferenciação ($S_2 \neq S_0$); o pronome da terceira pessoa (“*ele*”) marca a não localização ($S_2 \omega S_0$), e, finalmente, o pronome genérico (“*se*”) representa uma variável à qual podem ser atribuídos os outros valores ($S_2 * S_0$) (“*Então, vai-se ao cinema esta tarde ou não?*”, “*Apesar das campanhas anti-tabágicas, fuma-se cada vez mais*”, etc.).

(Campos, 1998: 33)

Uma relação de diferenciação, como a existente em ($S_2 \neq S_0$), pressupõe a construção linguística do coenunciador (notado S'_0), o ‘outro’ na relação enunciativa.

Um texto narrativo, como aqueles que aqui estarão em causa, joga, habitualmente, com a identificação entre o sujeito enunciador (S_0) e o narrador, que assim se assume como localizador último de qualquer enunciado. Porém, num texto narrativo, nem todos os enunciados são assumidos pelo narrador, na medida em que há enunciados que são atribuídos a personagens. “Deste modo, num enunciado apenas atribuído ao Narrador este é o único sujeito localizador enquanto que num enunciado atribuído a uma personagem, o Narrador é um segundo sujeito localizador” (Moreno, 2005: 205), porque é ele que empresta a voz à personagem, que a institui como um S_1 . É importante, para o efeito, retomar aqui a distinção entre S_0 e S_1 . Nas palavras de Moreno (2005: 205, nota 273):

Recuperando a distinção entre sujeito enunciador (localizador último não marcado no enunciado) e sujeito locutor (sujeito que assume, validando ou não, a relação predicativa), um enunciado atribuído exclusivamente ao Narrador é localizado a partir de um sujeito enunciador que se identifica com o sujeito locutor e um enunciado

atribuído a uma personagem é localizado a partir de um sujeito locutor (a personagem) que se diferencia do sujeito enunciador (o Narrador).

As diferentes operações de localização abstrata estão na base do jogo intersubjetivo definido entre os sujeitos, que se manifesta através de reajustamentos que estabelecem a aproximação entre o EU-TU (identificação/diferenciação) e a distanciação com o ELE (rutura). Esses reajustamentos intersubjetivos são marcados por formas linguísticas (pronomes pessoais, sobretudo, mas também outras formas que remetem para os mesmos valores) (Correia, 2005: 256).

2. A construção dos sujeitos num excerto de *Memorial do Convento*

O excerto em análise (Saramago, [1982] 1984: 52-53; reproduzido, no final, como anexo 1) funciona como uma unidade textual perfeitamente delimitada dentro da narrativa. Nele assume especial relevância o cruzamento de vários sujeitos, quer ao nível da enunciação, quer ao nível do enunciado.

Os sujeitos presentes no texto são um primeiro narrador, um segundo narrador, algumas personagens, com diferentes graus de importância e de intervenção na narrativa (Blimunda, Baltazar, o padre Bartolomeu Lourenço, Sebastiana Maria de Jesus, Simeão de Oliveira e Sousa, Domingos Afonso Lagareiro e o padre António Teixeira de Sousa) e alguns figurantes, agrupados em designações plurais ou coletivas (“povinho”, “mulheres”, “frades”, “procissão”). Estes sujeitos são marcados linguisticamente por uma variedade de pronomes pessoais, de possessivos, de deíticos e de desinências verbais. Constroem cadeias de referência e são enunciativamente estabilizados através das diferentes relações de localização que estabelecem uns com os outros.

O primeiro narrador funciona como sujeito enunciador origem (S_0) e, simultaneamente, como sujeito locutor (S_1), estabelecendo-se entre estes dois sujeitos uma relação de identificação ($S_1 = S_0$). Tem voz no texto em dois momentos distintos, intercalados por outros momentos em que outros sujeitos assumem a palavra: o primeiro, no início do excerto (linhas 1 a 4 do anexo 1), serve para situar a narrativa, através da descrição da situação, feita no presente do indicativo; o segundo, entre as linhas 34 e 36, faz a gestão do discurso das personagens, usando o pretérito perfeito simples do indicativo: “e Blimunda disse ao padre, (...) e depois, voltando-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, (...) e o homem disse, naturalmente, (...)”.

É o sujeito enunciador origem que vai servir de localizador às personagens que introduz e ao segundo narrador. Estas localizações têm um valor de rutura (ω), marcada

pelos formas de terceira pessoa gramatical usadas para referir as personagens: “Grita o povinho”, “guincham as mulheres”, “Blimunda disse ao padre”, por exemplo.

A passagem de palavra ao segundo narrador funciona igualmente como uma rutura, não havendo marcadores linguísticos que a anunciem. A partir da linha 4, nota-se uma diferença no registo da narração, em relação à qual o locutor assume maior proximidade, através da utilização de dêiticos (“aquele que ali vai”, “e aquele”, “e aquele”), de apartes e avaliações de carácter pessoal e subjetivo (“raro se viu confusão assim”, “deveria ser um direito do homem escolher o seu próprio nome”, “um nome não é nada”, “imagine-se, como se tivesse sido ele o primeiro”, “decerto começando na palavra do confessor”, por exemplo, entre as linhas 6 e 14) e da utilização de formas de primeira pessoa gramatical (“e esta sou eu”, linhas 15-16). Esta diferença de registo é suficiente para identificar uma nova voz, um novo sujeito, que, em rutura com o sujeito enunciador origem, se assume como um novo sujeito locutor, notado ($S_1^b \omega (S_1 = S_0)$) (o índice b serve apenas para distinguir o segundo locutor do primeiro).

Ambos os locutores se assumem como testemunhas dos factos narrados, o que é patente no uso do presente do indicativo, como presente de reportagem, marcando a simultaneidade entre o momento da locução e os factos narrados (“Grita o povinho”, “guincham as mulheres”, “aquele que ali vai é Simeão de Oliveira e Sousa”, etc.). Porém, o uso dos marcadores dêiticos confere ao segundo locutor um estatuto de participante, que o primeiro locutor não tem.

A partir da primeira utilização da primeira pessoa gramatical, o segundo sujeito locutor vai estabelecer uma relação de identificação com uma personagem, sujeito do enunciado, Sebastiana Maria de Jesus (S_2^b) (mantenho o índice b, para facilitar a leitura). Esta identificação ($S_2^b = S_1^b$) é marcada linguisticamente pelas formas de primeira pessoa (ou com ela relacionadas) que se sucedem e que são: pronomes pessoais, em diversas funções sintáticas (“eu”, “reprenderam-me”, “disseram-me”, “mim”, “comigo”), demonstrativos (“esta”, “aqui”), possessivos (“meu”, “minha”, “minhas”) e desinências verbais (“sou”, “vou”, “tenho”, “sei”, “ouço”, “ouvi”, “verei”, etc.). A cadeia de localizações estabelecida entre os sujeitos até aqui referidos pode ser representada da seguinte forma: ($S_2^b = (S_1^b \omega (S_1 = S_0))$).

Este sujeito ($S_2^b = S_1^b$) serve também de localizador às outras personagens (sujeitos do enunciado) que vão sendo introduzidas. Esta localização tem valor de rutura, marcada por formas de terceira pessoa: “quem comigo vai nesta procissão”, “minha filha, é seu nome Blimunda”, “ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço”, “e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda”.

A localização tem valor de diferenciação, nos “diálogos interiores” que Sebastiana enceta, primeiro com Blimunda (“onde de mim, aqui há-de vir saber da tua mãe”, linha 23), depois consigo mesma (“ó coração meu, salta-me no peito”, linha 25; “que vai ser deles, poder meu”, linha 33). Essa diferenciação é marcada pelas formas de segunda pessoa gramatical (“hás-de vir”, “tua mãe”, “eu te verei”, “estiveres”, “salta-me no peito”, “não fales”, “olha só”, “esses teus olhos”, “adeus Blimunda que não te verei mais”, etc.).

Blimunda, de sujeito do enunciado (S_2^c), passa a interlocutor de Sebastiana (notado ($S'_1{}^b$)), quando esta se lhe dirige na segunda pessoa gramatical ($S'_1{}^b \neq S_1{}^b$). Por outro lado, Blimunda serve também de ponto de partida para a estabilização referencial das personagens padre Bartolomeu Lourenço e Baltazar, que Sebastiana constrói com base em critérios espaciais que têm Blimunda como ponto de referência: “ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço” (linhas 30-31), “aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda” (linha 32).

Depois de construída e estabilizada em relação a Sebastiana, Blimunda ganha voz própria, tornando-se um novo sujeito locutor que se dirige, primeiro, ao padre Bartolomeu Lourenço (“Ali vai minha mãe”, linha 34) e interpela, depois, Baltazar (“Que nome é o seu”, linha 35). Este novo sujeito locutor é identificado com a personagem Blimunda, através da marca de primeira pessoa (“minha”).

Blimunda faz assim parte de diferentes cadeias referenciais, a saber: ($S_2^c \omega (S_1^b \omega (S_1 = S_0))$), ($S'_1{}^b \neq (S_1^b \omega (S_1 = S_0))$) e ($S_2^c = (S_1^c \omega (S_1^b \omega (S_1 = S_0)))$), respetivamente, sujeito do enunciado em rutura com o segundo locutor, interlocutor diferenciado do segundo locutor e sujeito do enunciado identificado com o terceiro locutor.

Baltazar é outro sujeito do enunciado com um percurso muito semelhante ao de Blimunda: é construído por Sebastiana, em relação a quem é localizado por rutura (“aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda”, linha 32), é adotado por Blimunda como seu interlocutor (“Que nome é o seu”, linha 35) e, finalmente, ganha voz própria, como um novo locutor, identificado com a personagem já estabilizada (“Baltazar Mateus, também me chamam Sete-Sóis”, linhas 36-37).

3. A construção dos sujeitos em dois excertos de *O Arquipélago da Insónia*

De *O Arquipélago da Insónia*, selecionei dois excertos: o início da obra (Antunes, 2008: 13; reproduzido como anexo 2) e o delírio febril do pai (Antunes, 2008: 17-19; aqui, anexo 3). O primeiro tem a função de construir os sujeitos do enunciado, através da sua localização em relação ao sujeito enunciador; o segundo permite os reajustamentos intersubjetivos.

O primeiro sujeito a ser construído na obra é um sujeito locutor, identificado com o sujeito enunciador ($S_1 = S_0$), que vai servir de localizador, por identificação, a um sujeito do enunciado ($S_2 = (S_1 = S_0)$). Essa relação de identificação é marcada pelo pronome pessoal de primeira pessoa gramatical, “me”, a terceira palavra utilizada (cf. anexo 2, linha 1). A partir daí, a identificação vai sendo retomada por diversas formas relacionadas com a primeira pessoa gramatical: “isto”, “minha”, “meu”, “conheço”, “trotava”, “nos”, “me”, “comigo”.

Este sujeito ($S_2 = (S_1 = S_0)$) vai servir de localizador aos sujeitos do enunciado que vão sendo construídos, na prática, as restantes personagens (mãe, pai, avô, avó, empregadas da cozinha). A localização tem valor de rutura, marcada por formas de terceira pessoa: “lhe”, “prendia”, “ela”.

A construção destes sujeitos é feita através de anáforas de tipo lexical (cf. Campos & Xavier, 1991: 368-371), que têm na base relações lexicais de tipos diversos. Quase todos estes sujeitos são especificados pela relação de parentesco que têm com o sujeito ($S_2 = (S_1 = S_0)$). Essa relação é marcada pelo possessivo “meu/minha”: “minha mãe”, “meu pai”, “meu avô”, “minha avó” (anexo 2, linhas 3 e 11). A única exceção são “as empregadas da cozinha” (anexo 2, linha 3), que são construídas através da relação parte-todo que se estabelece entre “cozinha” e “casa”, por um lado, e da relação entre “empregadas” e “cozinha”, por outro (faz parte da noção de casa a propriedade de possuir uma cozinha, assim como da noção de cozinha haver quem lá trabalhe). O artigo definido (“a minha mãe”, “o meu pai”, “o meu avô”, “a minha avó”, “as empregadas da cozinha”) marca a retoma anafórica, ao apresentar os termos como pré-construídos, ou seja, não construídos em Sit_0 .

O segundo excerto (anexo 3) promove os reajustamentos intersubjetivos. Até aí, o sujeito ($S_2 = (S_1 = S_0)$) mantinha a rutura em relação aos outros sujeitos do enunciado, todos referidos na terceira pessoa gramatical. Mesmo a interação entre os sujeitos do enunciado é escassa, dando-se apenas em algumas falas soltas: “– O que me deu na cabeça para te tirar do fogão?”, “– Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã”, “– Leva as tuas coisas para o meu quarto amanhã”, “– Chega cá” (Antunes, 2008: 15-16). A interação entre o sujeito ($S_2 = (S_1 = S_0)$) e outros sujeitos do enunciado dá-se a partir da seguinte passagem:

(...) a minha mãe imóvel lá em cima, pensando o quê, planeando o quê, desejando o quê, não sei quem você era senhora, uma ocasião pegou-me na cara, tive medo que me desse um beijo
– Chega cá

e graças a Deus não me deu um beijo, largou-me desgostosa de mim, (...) de modo que não acredito que tenha nascido de si (...)

(Antunes, 2008: 16)

A relação de localização entre os dois sujeitos assume aqui um valor de diferenciação, ao instaurar a mãe como interlocutor.

O excerto reproduzido no anexo 3 é todo ele construído em torno dos reajustamentos intersubjetivos, marcados pelo uso de formas de primeira e de segunda pessoa.

O pai assume-se como locutor, marcado pela primeira pessoa gramatical (“me”, “voltei”, “comigo”, “mim”). Dirige-se (ainda que virtualmente) ao avô¹ (“– Vá-se embora”, “– Deixe-me sozinho com ela”) e à mãe (“– Voltei”, “– Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã”, “– Deita-te aqui comigo”, “– Não me deixes”), que constrói como seus interlocutores, através do uso de formas de segunda pessoa (ou de terceira pessoa gramatical, no caso do tratamento formal). Surge, igualmente, como interlocutor do avô (“– Idiota”) e do narrador (“você”, “ninguém ao seu lado”, “não há quem se importe consigo”, “não peça”, “uma rapariga que lhe obedecia não por afeição, por medo e devia detestá-lo por medo igualmente, inerte à sua beira”, “procurei na sua cara”, “o meu avô a fixar os canos enjoadado de si”, “você idiota pai”).

O avô surge com os mesmos estatutos, de interlocutor e locutor, em relação ao pai (respetivamente, em “– Vá-se embora”, “– Deixe-me sozinho com ela” e em “– Idiota”).

A mãe não chega, neste excerto, a ter voz própria, surgindo apenas como interlocutor do pai (“– Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã”, “– Deita-te aqui comigo”, “– Não me deixes”) e do avô (“– Chega cá”). A única fala que lhe é atribuída é a que ela não pronuncia (“– Largue-me”).

4. A construção dos sujeitos em dois excertos de *Plâncton*

De *Plâncton*, selecionei igualmente dois excertos: o início da obra (Júdice, 1981: 7; reproduzido como anexo 4) e o primeiro diálogo (Júdice, 1981: 8-9; anexo 5).

O início do romance (anexo 4) caracteriza-se pela ausência de pronomes pessoais, assim como pelo uso de formas verbais de pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito simples, ambíguas entre a primeira e a terceira pessoa singular, o que promove a indefinição quanto ao estatuto do narrador e à identificação dos sujeitos. Só no final do primeiro parágrafo, surge o primeiro marcador que identifica inequivocamente um sujeito: o pronome pessoal feminino de terceira pessoa singular (“ela”), que constrói uma

¹ Uso aqui os nomes pelos quais as personagens são designadas na obra. As relações de parentesco devem ser lidas em função do narrador.

personagem em rutura com o narrador ($S_2 \omega (S_1 = S_0)$). A rutura, além de subjetiva, é também temporal, marcada pelo uso do pretérito imperfeito e do mais-que-perfeito, que definem planos temporais não localizados em relação a Sit_0 .

O excerto seguinte (anexo 5) compõe-se de reajustamentos intersubjetivos, que vão definir a relação entre os dois sujeitos, ($S_2 \omega (S_1 = S_0)$) e ($S_1 = S_0$). No texto, coocorrem formas de primeira (“eu”, “me”, “mim”, “minha”, “nos”, “beije”, “estive”, “pus”, “tivemos”, etc.), segunda (“teu”, “te”, “perguntasses”, “devolveste”, “quiseres”) e terceira pessoa gramatical (“fez”, “viu”). A estabilização referencial dos sujeitos não é, porém, devidamente assegurada, na medida em que não fica clara a sua identidade. As localizações enunciativas não são evidentes: as formas de primeira pessoa gramatical marcam uma localização por identificação em relação a que localizador? ($S_2 = (S_1 \omega S_0)$ ou ($S_2 = (S_1 = S_0)$)? De igual modo, não é claro o estatuto de ($S_2 \neq S_1$), ou (S'_1), na medida em que não fica esclarecido de que sujeito(s) é (são) interlocutor(es).

O único marcador portador de algum tipo de informação é a forma “deitado” (anexo 5, linha 9), que refere um sujeito masculino singular, presumivelmente o par do “ela” (anexo 4, linha 3), pelo que identificado com o sujeito enunciador, ($S_2 = (S_1 = S_0)$), marcado pela primeira pessoa gramatical (“eu”).

5. A construção dos sujeitos e a construção textual

Os excertos analisados são casos paradigmáticos, no que se refere à importância do papel dos sujeitos na construção da narrativa literária portuguesa contemporânea. Em todos eles, a construção do texto está fortemente ligada à construção dos sujeitos, de que depende, a qual, por sua vez, se desenvolve por meio de sucessivos reajustamentos, que implicam diferentes estatutos dos sujeitos.

No caso de *Memorial do Convento*, o texto analisado tem, entre outras, a função de introduzir na obra duas personagens centrais: Blimunda e o padre Bartolomeu Lourenço. Baltazar, a última personagem a ser introduzida neste texto, era, curiosamente, a única das personagens principais que tinha já sido construída e estabilizada enunciativamente na obra. Surge, pela primeira vez, construída pelo sujeito enunciador, em relação ao qual estabelece uma relação de localização por rutura: “Este que por desafrontada aparência, sacudir da espada e desparelhadas vestes, ainda que descalço, parece soldado, é Baltasar Mateus, o Sete-Sóis” (Saramago, [1982] 1984: 35).

O sujeito enunciador assume, frequentemente na obra, um estatuto de observador presencial do desenrolar da ação. De facto, a enunciação coincide, no espaço e no tempo, com o desenrolar da ação, o que é marcado pelo uso de formas verbais com valor de simultaneidade em relação ao tempo da enunciação (como é o caso do presente do

indicativo) ou de relações temporais de anterioridade ou posterioridade que têm como localizador o presente da enunciação. O texto é, igualmente, rico em expressões com valor deítico que marcam essa sobreposição de planos. A localização espaço-temporal do enunciado relativamente à enunciação é construída no início da obra: “D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantas à coroa portuguesa e até hoje ainda não emprenhou” (Saramago, [1982] 1984: 11).

O sujeito enunciador também exhibe, em alguns trechos, uma atitude de proximidade com o coenunciador, patente nas formas de primeira pessoa gramatical, que marcam uma relação de identificação: “Baltasar não tem espelhos, a não ser estes nossos olhos que o estão vendo a descer o caminho lamacento para a vila (...)” (Saramago, [1982] 1984: 326). Aquando da construção da personagem Baltazar, o sujeito enunciador faz, igualmente, uso de formas de primeira pessoa do plural, que marcam a identificação entre S_0 e um coletivo (os portugueses, por oposição aos espanhóis) que pode incluir, ou não, o coenunciador, mas que inclui, certamente, Baltazar:

Este que por desafrentada aparência, sacudir da espada e desparelhadas vestes, ainda que descalço, parece soldado, é Baltasar Mateus, o Sete-Sóis. Foi mandado embora do exército por já não ter serventia nele, depois de lhe cortarem a mão esquerda pelo nó do pulso, estraçalhada por uma bala em frente de Jerez de los Caballeros, na grande entrada de onze mil homens que fizemos em Outubro do ano passado e que se terminou com perda de duzentos nossos e debandada dos vivos, acossados pelos cavalos que os espanhóis fizeram sair de Badajoz.

(Saramago, [1982] 1984: 35)

É neste registo de proximidade (leia-se, de identificação subjetiva e de simultaneidade espaço-temporal) que se enquadra a construção da personagem Baltazar, através de um deítico espacial, um demonstrativo relacionado com a primeira pessoa (“este”).

Assim construído, estabilizado enunciativamente e situado, este sujeito é retomado anaforicamente por Sebastiana, que, enquanto sujeito locutor, constrói a interrogativa parcial: “aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda” (anexo 1, linha 32). A relação predicativa que lhe é subjacente é não saturada, na medida em que um dos seus lugares não foi preenchido. Caberá ao seu interlocutor preencher o lugar vazio com um dos elementos da classe aberta de ocorrências abstratas passíveis de saturar a relação predicativa, que poderá, assim, ser validada (Campos & Xavier, 1991: 345; Campos, [1985] 1997: 88).

Porém, o interlocutor de Sebastiana é virtual, é um desdobramento de si mesma, pelo que, havendo uma relação de identificação entre locutor e interlocutor, fica excluída a possibilidade de a relação predicativa ser saturada. É Blimunda quem se vai apropriar da interrogação, mas, não a podendo saturar (“ai que não sabe quem é ele”), assume-se como sujeito locutor e interpela Baltazar, com nova interrogativa parcial: “Que nome é o seu” (linha 35). É então Baltazar que satura e valida a relação predicativa (“Baltazar Mateus, também me chamam Sete-Sóis”, linhas 36-37), concluindo o processo anafórico iniciado por Sebastiana.

É só chegando ao fim do excerto analisado que se compreende que a cadeia de localizações construída tem como fim relacionar as restantes personagens com Baltazar, personagem já anteriormente construída e estabilizada enunciativamente. Em última análise, Sebastiana é a mãe de Blimunda, que é a mulher que está perto de Baltazar, ou seja, Baltazar era a referência que faltava para reconstituir a cadeia de localizações. Baltazar, que é, no excerto analisado, o último elemento na cadeia, revela-se, afinal, o localizador de base das restantes personagens, que permite situá-las na obra.

Já em *O Arquipélago da Insónia*, as primeiras linhas são determinantes, não só para a construção dos sujeitos, como para a própria construção da obra. Ao criar-se a identificação entre o narrador e uma personagem, com a qual se vão relacionar as outras, através de relações de parentesco, institui-se a base de um registo autobiográfico.

O jogo de reajustamentos intersubjetivos evidencia o relacionamento complexo entre as personagens. Por exemplo, o facto de a mãe quase não ter interveniência como locutor é compatível com a caracterização da personagem: uma mulher sem vontade própria, subjugada pelos homens que a cercam (“sem coragem de desobedecer”, “incapaz de negar-se”, “uma rapariga que lhe obedecia não por afeição, por medo e devia detestá-lo por medo igualmente, inerte à sua beira”, cf. anexo 3).

De igual modo, o narrador, o sujeito ($S_2 = (S_1 = S_0)$), que constrói vários tipos de distância em relação às restantes personagens (temporal, emocional), não surge como interlocutor de nenhuma delas, apenas se dirigindo verbalmente ao pai febril, que não o podia ouvir, ou, pelo menos, compreender.

De notar, ainda, que a maioria dos enunciados em discurso direto, aqueles em que, no anexo 3, se dão os reajustamentos intersubjetivos, são constituídos por frases imperativas, não pedindo nem obtendo retorno, pelo que não chega a haver diálogo entre os sujeitos.

E, ao contrário do que se verificou em Saramago (anexo 1), em que não havia pontuação gráfica canónica que identificasse as mudanças de voz, apenas os marcadores linguísticos, em *O Arquipélago da Insónia* essas mudanças contam com pontuação gráfica

forte (parágrafo e travessão), demarcando-se, assim, muito claramente, o narrador dos enunciados atribuídos às personagens.

Já *Plâncton* se constrói sobre a própria indefinição do estatuto dos sujeitos. A escassez de pronomes pessoais e o recurso a formas verbais ambíguas entre a primeira e a terceira pessoa singular, como o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito simples, concorrem para essa indefinição, que está no cerne do romance. A complexa estabilização (ou falta dela) enunciativa e referencial dos sujeitos materializa a própria ausência ou negação da alteridade:

[a Personagem desdobra-se] em duplos, multiplicando-se num jogo de espelhos em sucessivas imagens que sempre de novo são redutíveis a si própria. Nenhuma das outras figuras tem por isso existência autónoma, todas são apenas «reflexos», pretextos para um diálogo que é sempre finalmente *monólogo*.

(Gersão, 1983: 98)

Nos cinco excertos analisados, a construção dos sujeitos reflete, assim, a construção dos textos, e mesmo a das próprias obras. A análise linguística, ao permitir identificar, através dos respetivos marcadores, as diferentes operações subjacentes à construção dos sujeitos, esclarece as relações existentes entre os diversos sujeitos que se cruzam nos textos, assim como o papel que desempenham na construção do texto. Assumo, pois, com Campos ([1985] 1997: 91), que a relação entre os sujeitos “pode estar na base de uma determinada estratégia discursiva, que um tratamento exclusivamente linguístico apenas pode sugerir”.

Referências

- Antunes, António Lobo (2008) *O Arquipélago da Insónia*. 4.^a ed. Lisboa: Dom Quixote.
- Campos, Maria Henriqueta Costa ([1985] 1997) A enunciação do «outro» e a retórica das relações enunciator-locutor construídas no texto. In *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, pp. 83-91.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1998) *DEVER e PODER. Um subsistema modal do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/JNICT.
- Campos, Maria Henriqueta Costa & Maria Francisca Xavier (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Correia, Clara Nunes (2005) A negação do Tempo. In. Dulce Carvalho, Dionísio Vila Maior e Rui de Azevedo Teixeira (eds.) *Des(a)fiando Discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 255- 263.

- Culioli, Antoine ([1980] 1999) Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoristique. In *Pour une linguistique de l'énonciation II*. Paris: Ophrys, pp. 127-143.
- Culioli, Antoine ([1987] 1990) Formes schématiques et domaine. In *Pour une linguistique de l'énonciation I*. Paris: Ophrys, pp. 115-126.
- Gersão, Teolinda (1983) [Recensão crítica a *Plâncton*, de Nuno Júdice]. *Revista Colóquio/Letras* 71, pp. 98-99.
- Júdice, Nuno (1981) *Plâncton*. Lisboa: Contexto.
- Moreno, António (2005) *Aspectos da Negação no Português: Uma Abordagem Enunciativa*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Saramago, José ([1982] 1984) *Memorial do Convento*. 8.^a ed. Lisboa: Caminho.

Anexos

Anexo 1

1	Grita o povinho furiosos impropérios aos condenados, guincham as mulheres debruçadas dos
5	peitoris, alanzoam os frades, a procissão é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por
10	isso se vai curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda a parte ou oferecer o espectáculo
15	edificante a toda a cidade, aquele que ali vai é Simeão de Oliveira e Sousa, sem mester nem benefício,
20	mas que do Santo Ofício declarava ser qualificador, e sendo secular dizia missa, confessava e pregava, e
25	ao mesmo tempo que isto fazia proclamava ser herege e judeu, raro se viu confusão assim, e para ser ela
30	maior tanto se chamava padre Teodoro Pereira de Sousa como frei Manuel da Conceição, ou frei Manuel
	da Graça, ou ainda Belchior Carneiro, ou Manuel Lencastre, quem sabe que outros nomes teria e todos
	verdadeiros, porque deveria ser um direito do homem escolher o seu próprio nome e mudá-lo cem vezes
	ao dia, um nome não é nada, e aquele é Domingos Afonso Lagareiro, natural e morador que foi em
	Portel, que fingia visões para ser tido por santo, e fazia curas usando de bênçãos, palavras e cruces, e
	outras semelhantes superstições, imagine-se, como se tivesse sido ele o primeiro, e aquele é o padre
	António Teixeira de Sousa, da ilha de S. Jorge, por culpas de solicitar mulheres, maneira canónica de
	dizer que as apalpava e fornicava, decerto começando na palavra do confessor e terminando no acto
	recato da sacristia, enquanto não vai corporalmente acabar em Angola, para onde irá degredado por toda
	a vida, e esta sou eu, Sebastiana Maria de Jesus, um quarto de cristã-nova, que tenho visões e revelações,
	mas disseram-me no tribunal que era fingimento, que ouço vozes do céu, mas explicaram-me que era
	efeito demoníaco, que sei que posso ser santa como os santos o são, ou ainda melhor, pois não alcanço
	diferença entre mim eles, mas repreenderam-me de que isso é presunção insuportável e orgulho
	monstruoso, desafio a Deus, aqui vou blasfema, herética, temerária, amordaçada para que não me ouçam
	as temeridades, as heresias e as blasfémias, condenada a ser açoitada em público e a oito anos de
	degredo no reino de Angola, e tendo ouvido as sentenças, as minhas e mais de quem comigo vai nesta
	procissão, não ouvi que se falasse da minha filha, é seu nome Blimunda, onde de mim, aqui há-de vir
	saber da tua mãe, e eu te verei se no meio dessa multidão estiveres, que só para te ver quero agora os
	olhos, a boca me amordaçaram, não os olhos, olhos que não te viram, coração que sente e sentiu, ó
	coração meu, salta-me no peito se Blimunda aí estiver, entre aquela gente que está cuspiendo para mim e
	atirando cascas de melancia e imundícies, ai como estão enganados, só eu sei que todos poderiam ser
	santos, assim o quisessem, e não posso gritá-lo, enfim o peito me deu sinal, gemeu profundamente o
	coração, vou ver Blimunda, vou vê-la, ai, ali está, Blimunda, Blimunda, Blimunda, filha minha, e já me
	viu, e não pode falar, tem de fingir que me não conhece ou me despreza, mãe feiticeira e marrana ainda
	que apenas um quarto, já me viu, e ao lado dela está o padre Bartolomeu Lourenço, não fales, Blimunda,

- olha só, olha com esses teus olhos que tudo são capazes de ver, e aquele homem quem será, tão alto, que está perto de Blimunda e não sabe, ai que não sabe quem é ele, donde vem, que vai ser deles, poder meu, pelas roupas soldado, pelo rosto castigado, pelo pulso cortado, adeus Blimunda que não te verei mais, e
- 35 Blimunda disse ao padre, Ali vai minha mãe, e depois, voltando-se para o homem alto que lhe estava perto, perguntou, Que nome é o seu, e o homem disse, naturalmente, assim reconhecendo o direito de esta mulher lhe fazer perguntas, Baltasar Mateus, também me chamam Sete-Sóis.

Saramago ([1982] 1984: 52-53)

Anexo 2

- 1 De onde me virá a impressão que na casa, apesar de igual, quase tudo lhe falta? As divisões são as mesmas com os mesmos móveis e os mesmos quadros e no entanto não era assim, não era isto, fotografias antigas em lugar da minha mãe, do meu pai, das empregadas da cozinha e da tosse do meu avô comandando o mundo, não a presença, não ordens, a tosse, um lenço saía-lhe do bolso e
- 5 desarrumava o bigode, o meu pai prendia o cavalo na argola e a seguir apenas o restolhar da erva que esse sim mantém-se, embora seco e duro até depois da chuva, na varanda os campos que conheço e não conheço, o renque de ciprestes que conduzia ao portão e além do portão com um dos pilares tombado os sobreiros e o trigo, a vila cada vez mais distante onde as luzes acentuam o escuro, um sítio de defuntos em cujas ruas trotava abraçado ao meu pai, assustado com os postigos vazios e a certeza que nos
- 10 espreitavam dos amieiros da praça no tempo em que nada faltava na casa, a minha mãe no andar de cima a perfumar baús, a chávena da minha avó no pires e ela fixando-me com um olhar de retrato que atravessava gerações vinda de um piquenique de senhoras de bandós e cavalheiros de colarinho de celulóide comigo a pensar se toda a gente continuaria aqui em conversas que o relógio de pêndulo afogava no coração pausado, (...)

Antunes (2008: 13-14)

Anexo 3

- 1 (...) não percebi o meu pai quando adoeceu há dois anos e exigiu que o deitássemos na cama do sótão na qual nunca dormiu e em que a roupa da minha mãe se pendurava de grampos, havia um Cristo que se compra nas feiras torto na parede, a tábua de passar a ferro com uma camisa do meu avô e o meu pai para a camisa
- 5 – Vá-se embora
o meu pai
– Deixe-me sozinho com ela
não com o meu irmão nem comigo, sozinho com ela, uma palavra que me escapou até me aproximar da sua boca, ia jurar que
- 10 – Voltei
ou não
– Voltei
enganei-me, continuava a escapar-me, continuaria a escapar-me, o meu pai não era um Cristo que se compra nas feiras, era um homem ordenando a uma empregada da cozinha
- 15 – Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã
e a empregada sem coragem de desobedecer levantando-se a alisar a blusa incapaz de negar-se
– Largue-me
a minha mãe com dezassete ou dezoito anos se tanto que se lavou a chorar para ele, se calçou para ele, se arranjou para ele a equilibrar as lágrimas, quem habitou aqui antes de nós e não nos procura como
- 20 as pessoas da sala, esqueceu-nos e ao esquecer-nos deixámos de existir, não somos, não éramos, não chegámos a ser, a minha mãe não foi, eu não sou, o meu irmão não é e contudo o meu pai a preveni-la
– Voltei

	como se ambos fossem, não nós, no dia do enterro espreitou o cemitério da grade e sumiu-se de estribos a tilintarem nos ferros das correias, o meu pai para a minha mãe defunta
25	– Deita-te aqui comigo disso tenho a certeza – Deita-te aqui comigo não no tom em que – Leva as tuas coisas para o andar de cima amanhã
30	uma voz de desamparo se calhar da febre, se calhar da fraqueza e mais forte que a febre e a fraqueza – Deita-te aqui comigo e ninguém ao seu lado, você sozinho pai e todavia à procura, as mãos a segurarem o que julgava as mãos da minha mãe ou as rédeas que não havia continuando a partir do cemitério a caminho da vila onde
35	os espectros moravam a atirar-lhes de chibata no ar – Não se escondam de mim sem que lhe respondessem porque não há quem se importe consigo, não peça – Não me deixes à camisola e às saias de uma rapariga que lhe obedecia não por afeição, por medo e devia detestá-lo
40	por medo igualmente, inerte à sua beira a ouvir o baloiço das árvores na noite e da terra que subia e baixava consoante as nuvens, o trote do cavalo rodeava a casa detendo-se no lugar em que golpeavam os porcos dando ideia que o sangue do animal ou da minha mãe quando nasci continuava a pingar no alguidar de forma que no momento em que o meu pai – Não me deixes
45	a procurei na sua cara, você que sofria quando o meu avô – Chega cá a pegar na caçadeira, você à entrada do quarto, o meu avô a fixar os canos enjoado de si – Idiota e você a baixar a caçadeira e a ir-se embora vencido, você a disparar sobre os tucanos e cada tucano
50	um botão de cobre a fechar-lhe o pescoço, cada tucano o dono do trigo e do milho e não se dava ao trabalho de mandar os cães buscá-los, você, mesmo se a minha mãe com o meu avô – Não me deixes apesar da boca fechada, você idiota pai (...)

Antunes (2008: 17-19)

Anexo 4

1	Era muito de manhã. Ao sábado ia sempre de manhã, em vez de tarde, para o emprego. Agora estava num café perto da estação, a beber um café para não ter sono nenhum. O café era de copo. Tinha um dossier vermelho ao pé. Gostava muito da cor vermelha, mesmo em fatos. A mesa era amarela. Ela era, entre o pescoço e os joelhos, preta e castanha, camisola preta e saia castanha.
5	Agora bebera o café e, por uma questão simplesmente de sugestão (mas não se importava) escancarou repentinamente os olhos como se acordasse definitivamente nesse momento. Ia agora pela rua abaixo até ao emprego. O emprego dela era todo castanho excepto as batas, que eram pretas. Até já tinha uma. Até de tarde.

Júdice (1981: 7)

Anexo 5

1	– O que é sombrio no teu retrato é o rosto. Beijei-o até rasgar o papel. Depois andei na rua, até à noite, por desespero e por raiva. Dizia-me que, depois de receber a minha carta, fez uma viagem de barco. Viu cair neve no mar.
---	--

- Se agora me perguntasses se estive doente, não saberia que responder.
- 5 Entreabria os lábios. Os cabelos tapavam os olhos. À chuva, o retrato dilui-se até formar uma mancha escura e espessa. Eu amara aquele rosto.
- A destruição estava dentro de mim. Esqueci-me de o dizer na carta que te mandei. Pus nela a própria resposta que esperava e enviei-a assim. Depois, devolveste-ma. Reabri-a. Estava tudo mudado. Lembro-me de ter bebido. Estive imóvel, deitado, e os cães vinham-me cheirar. Eu ladrava-lhes. À
- 10 primeira luz do dia o barco partiu. Deixei um corpo esquecido nos degraus do cais. Durante a viagem tivemos calmarias que nos deram tempo a pescar uma tartaruga que andava à tona de água. Tinha pegado na concha uma tão grande quantidade de marisco que não a deixava nadar, e facilitou o ser apanhada à mão.
- Estando eu até segunda nesta casa, se amanhã quiseres.
- Júdice (1981: 8-9)